Num. 1319 Tavira, 3 de novembro de 1907 Anno 25.º

O HERALDO

Director, proprietario e administrador
JOSÉ MARIA DOS SANTOS
RUA NOVA PEQUENA, 1 E 3

ANTIGO «JORNAL DE ANNUNCIOS»

Redacção, administração, composição e impressão
TYPOGRAPHIA BUROCRATICA
RUA NOVA PEQUENA, 7 E 9

SITUAÇÃO CLARA

Emfim! O aspecto da politica portugueza mudou, radicalmente. Estão, afinal, frente a frente, para uma lucta decisiva, de vida ou de morte, os partidos monarchico-constitucionaes e o governo absolutista do sr. João Franco!

A guerra está solemnemente declarada. Cada combatente occupa uma posição definida. O governo mantem se, e affirma que continuará a manter-se, no mais absoluto despreso pelas leis do Reino. Os partidos affirmam, por seu lado, que o sr. João Franco, quer queira, quer não queira, ha de entrar na ordem e na legalidade.

Está lançado o repto, em nome da Nação. Serviu de arauto, para o clamar aos quatro ventos, o novo chefe do partido regenerador, o grande partido monarchico, através de todas as luctas, e, até, de todas as affrontas.

Falou o notavel estadista, não só com o applauso dos partidos monarchicos, firmemente unidos hoje para a conquista das liberdades publicas e para restauração da Constituição do Reino, mas tambem com a acquiescencia dos proprios republicanos, que, trabalhando á parte, não impedirão, comtudo, qualquer movimento liberal do bloco monarchico, antes o auxiliarão.

O caminho é portanto, para a frente. Perante os ataques ás liberdades do povo, á Constituição da monarchia e ao bom nome da Nação, os partidos monarchicos empregaram antes todos os meios, respeitosos, ordeiros e legitimos, de protesto. Ao paço, á presença do rei, e no uso de um legitimo direito, foram os Conselheiros de Estado, os pares do Reino, os deputados, as camaras municipaes, todos os representantes, emfim, do povo portuguez. Mas o governo, apesar de tudo, continuou no poder; a Nação continuou a ser affrontada por uma dictadura indigna de qualquer paiz civilisado.

Parecia estar agora esmagada, de uma vez para sempre, aquella Constituição Augusta, que o povo portuguez soube conquistar, á custa de tantas vidas e tanto sangue, nos campos de batalha.

Mas é agora tambem que os partidos monarchicos se levantam e clamam:

—Exgottou-se a paciencia publica. E' tempo de cortar o mal pela raiz. Segundo a lei fundamental do Reino, o dia 2 de janeiro tem de ser, em todos os annos, de grande gala nacional. E' n'esse dia que aos representantes do povo cumpre abrirem-se as Côrtes Geraes da Nação. Pois o proximo dia 2 de janeiro, custe a quem custar, queira ou não queira o governo, ha de ser de grande gala nacional. Assim o dizemos; assim o faremos cumprir.

O repto é claro. A affirmação é terminante.

Os partidos monarchicos não querem nem pretendem que o governo do sr. João Franco venha a terra, se apraz a el-rei conservar-lhe a vara do poder. Se pode governar, que governe! Mas governe dentro da Lei, com respeito pelos interesses do povo e pelo bom nome do paiz, prestando conta dos seus actos aos representantes do mesmo povo.

—Senão, não!

Fôra já assim. com estas mesmas palavras, que os delegados do povo impuzeram vida nova ao rei D. Affonso VI, que mais pensava em caçadas e devaneios do que no governo do Estado.

COLLECÇÃO DE LEIS

Sob o titulo—*Collecção de Leis*, de pequeno tomo publicadas em 1904 sobre diversos assumptos, e legislação judicial dispersa, promulgada de 1 de abril 1895 a 31 de dezembro de 1906, editou a «Bibliotheca Popular de Legislação» com séde em Lisboa, rua de S. Mamede, 111, (ao largo do Caldas) mais um dos seus numerosos livros, no qual se inclue tambem a tabella dos emolumentos dos secretarios dos tribunaes do commercio, de 29 de agosto de 1889.

Supremo argumento

Sabendo numa conversa com o redactor do *Heraldo* que o sr. Raul Proença tinha na redacção deste um artigo de resposta ao anonymo S, desisto da publicação d'um artigo meu no mesmo sentido. Mas não resisto ao desejo, ainda que muito de fugida, de reproduzir unicamente um periodo do artigo do illustre anonymo, que tanto crê e tão bem expõe a sua crença. Sabe, decerto, que, pelo «Atlas Universal» de Hickman, de 1905, o numero dos christãos catholicos é 270 milhões, e dos mahometanos 220, o dos Buddhistas 460 milhões, e apesar dos srs. crentes dizerem que todos os povos teem crença em Deus, segundo o mesmo Atlas existem 170 milhões de pagãos e sem religião.

Mas leiam o principal: «*Se eu não posso duvidar da existencia da religião christã, tambem não posso negar a divindade de Christo.*»

Isto a serio. Como resposta: se não posso duvidar da existencia da religião buddhista, tambem não posso negar a divindade de Buddha; se não posso duvidar da existencia da religião mahometana, tambem não posso duvidar da divindade de Mahomet. Vejam, por se não querer duvidar da religião, quantas divindades não existem, autenticas todas, porque as respectivas religiões com os seus crentes assim o comprovam.

Isto é uma ingenuidade infantil, impropria d'uma questão seria, em que nos querem mostrar a verdade. Mas ha coisas que se não dizem a rosto descoberto porque a vergonha nos impede. Só assim se comprehende que, da parte dos srs. crentes, não haja quem de rosto erguido e sem a mascara do anonymato, defenda o que toma por verdadeiro.

Em questões destas, as conveniencias ficam em casa guardadas no bahú para as occasiões proprias. Por isso não me resta duvida que o sr. anonymo S, não assignava com o proprio nome o periodo que acima transcrevi.

Jayme Cunha

Divergencia, até na tolerancia

Tirassem á religião christã o sexto e o setimo mandamentos e não haveria descrentes.

O sexto e o setimo mandamentos! a inspiração do orgulho, o impulso das paixões! a má educação! Como sou digno de lastima, meu caro polemista! Os meus baixos sentimentos devem enojar-vos.

Segundo vós, sou atheu, ou porque sou ladrão, ou porque ofendo a castidade das meninas. Não sou livre-pensador por convicções: isto no fundo é um negocio de saias! Sou atheu por vos ter roubado o relogio ou namorado as primas.

Que encantadora, a vossa explicação! Não creio em Deus, por vos ter coragem para vos furtar a carteira! ou—talvez o supunhaes—por ter cubiçado a mulher do vosso vizinho...

No emtanto eu, como atheu, perdôo e desculpo. Nós, livre-pensadores, temos sempre nos labios palavras de Amor e de Perdão. Não sentimos nunca odio nem despeito. Seja em troca do vosso insulto, esta a luva com que respondo á intolerancia com a indulgencia. Nós atheus, como deterministas, sabemos bem que não somos livres, e portanto que não somos responsaveis, por isso não odiamos ninguem. Offendeis me? Que culpa tendes vós em não terdes sido educado nesse respeito de todas as opiniões que constitui o mais elementar dever do homem consciente? Desculpo-vos, e lastimo vos ao mesmo tempo. E desculpando-vos, vou responder á vossa diatribe, desejando que para o futuro vós estejaes de melhor humor.

Não é grande o meu conhecimento d'estes assuntos, asseverame o meu estimado adversario, e fiquei deveras incantado ao ouvir isso da boca d'um homem tão ingenuo como elle. Veremos no emtanto no decurso de toda esta polemica qual é o mais ignorante nestas questões: só no fim nós veremos quem de nós sabe menos. Não serei um sabio nestas coisas, como em coisa alguma, mas tenho a fatuidade de pensar e raciocinar, o que vós não pareceis fazer, porque se o soubesseis, envergonhar-vos-hieis de apresentar raciocineos tão velhos, tão combatidos e—*parbleu!*—tão insignificantes! Quando li a vossa prova do relogio, espantei-me com a vossa ingenuidade, porque não acreditava que esse argumento fosse levantado senão pela minha lavadeira.

Sou ignorante nestes assuntos... Sim, talvez, porque, longe de ir interrogar esse enigma grandioso que vós tão facilmente resolveis, em livros bolorentos, no latim dos textos empoeirados, olho e observo, penso e discuto, no estudo são e razoavel da Vida.

Olhando e observando, pensando e discutindo, cheguei á negação. Poderia ter chegado á afirmação? Será possivel, mas não pude fazelo; não foi minha a culpa; não pude; não pude, pronto. O estudo deu-me o atheismo, a sciencia fez-me livre pensador. E' em nome da Sciencia e da liberdade do meu pensamento, base real da minha dignidade de homem, que eu tenho o prazer de trocar comvôsco algumas palavras amigaveis, mas espirrando atheismo em cada sílaba.

Pergunta-me Vosselencia se não será absurdo admitir efeito sem causa. Eu acho isso um absurdo enorme, e nisso estou de pleno acordo com V. Ex.ª. Todo o efeito tem uma causa, e ahi está porque eu sou atheu. E' estranho, não é verdade? como nós somos adversarios fundando-nos no mesmo raciocineo, por tirarmos consequencias contrarias do mesmo principio. Para mim, todo o facto é efeito e causu d'outro. Não ha principios nem fins: ha causas e efeitos. Cada fenomeno deriva d'outro, e origina outro. Ora esta convicção é a theoria atheista do universo.

Vós perguntaes-me se não será um absurdo admitir efeito sem causa, e admitis a existencia de Deus sem uma causa que a originasse. Dizeis-me: O Universo teve uma causa. E eu digo-vos: Decerto, o Universo de hoje teve a causa no Universo de hontem, como o Universo de A'manhã terá a causa no Universo de Hoje. Nesta série ininterrupta de causas e efeitos, eu obedeço ao principio que vós julgaes eu poder repelir. Vós é que sois inconsequente, porque, na série ascendente de Causas, admitis um Facto que não foi efeito d'outro Facto. Pondes as mãos na cabeça por eu admitir que o Universo de hoje é efeito do Universo de hontem, mas não pudestes comprehender bem e dissestes: Para vós o Universo não tem causa. E ides admitir esse Facto — Deus, sem uma causa que o origine! O vosso argumento, elle proprio se ergue contra vós, num ricochete que vos fere! Dizeis: Como admitir o Universo sem Creação, se elle é uma obra tão complexa? E eu digo-vos: Como admitis vós Deus sem alguma coisa que lhe desse origem, se elle é mais complexo ainda? Pedis para o Universo uma Causa! e não quereis saber da Cousa de Deus!

O vosso Deus vem querer-me explicar o que vejo, sinto e apalpo, por aquillo que não vejo, nem sinto, nem apalpo. Quando a Natureza fosse incomprehensivel, o vosso Deus viria explicar o incomprehensivel por uma coisa mais incomprehensivel ainda. Explicaes o *Conhecido* pelo *Desconhecido* e o *Desconhecido* pelo *Incognoscivel*. Vêdes um gato e perguntaes: Porque existe? E pensaes, para o explicar, numa coisa que não vêdes. Tendes o Mundo aberto aos vossos olhos para que nelle indagueis todas as Causas, e fechaes os olhos, e dizeis: Ha Deus.

Diz ainda V. Ex.ª que nenhuma pessoa no pleno uso das suas faculdades se convence de que possa haver um relogio sem o relojoeiro. *Logo* o mundo *como o relogio*, foi creado, e quem o creou foi Deus. Para responder-vos a esta infantil afirmação, com que pensaes deitar por terra toda uma fortificação de pensamentos razoaveis, vou fazer-vos uma pergunta. Se vos dissessem que um relojoeiro, de braços cruzados, sem materia preexistente, sem pegar num instrumento, sem ouro nem prata para lhe fazer a tampa, sem metal para lhe construir o mechanismo, sem diamante para obter os eixos, tinha contruido um relogio, o que exclamarieis immediamente? Que o que tal dissesse *não estava no uso das suas faculdades*. Ora para vós Deus é como o relojoeiro e o mundo é como o relogio. Um relojoeiro faz um relogio, mas não *cria* a materio do relogio: para a comparação ser pois legitima o vosso Deus, não *cria* a materia! Isto é, a materia do mundo existia antes de Deus, como a materia do relogio existia antes do relojoeiro!

Como vêdes, é facil atacar as vossas ingenuas afirmações, a que vós chamaes *argumentos* simplissimos, clarissimos e luminosos. Este reclame á maneira das pilulas Pink não me convencem, e o argumento, meu caro, é velho como a Sé de Braga. E aqui está como um crente acha poder convencer um atheu: prégando-lhe com emphase no jornal o argumento que sua avó lhe dizia, na sua ingenuidade ignorante de pessoa crente. Esmagou-me com o raciocineo do relojoeiro, eu que vejo os maiores relojoeiros não criarem a minima particula de materia de relogio! Que ingenuidade a sua, pobrezinho! E' por não crer nessa infantilidade que me chamaes ignorante nestes assuntos? No decurso d'esta polemica se ha-de provar quem é o ignorante, se o atheu que vos ataca com raciocineos, se vós que lhe respondeis com criancices, esquecendo-vos que não se pescam trutas a bragas enxutas.

Quando virdes algum relojeiro *criar* um relogio, então eu dir-vos-hei que tendes razão, e que sou deista. Alem d'isso, se não houvesse homens, o mundo nem por isso sofria muito. *Quem* cria as rochas de granito? *Quem* agita o mar? *Quem* fez os mares? E custa por acaso menos criar uma rocha de que um relogio? fazer um mechanismo de forças electricas que um mechanismo de relojoaria? Mas já ficaes sabendo: quando virdes algum relojoeiro a *criar* relogios, dizei-m'o para aqui: eu ficarei deista e o relojeiro millionario. (1)

(Continua) *Raul Proença.*

(1)—Peço aos meus leitores o obsequio de lerem sempre as respostas a todos os artigos d'esta polemica confrontando-as com os anteriores que as suscitaram. Cá por coisas...

ULTIMAS VERDADES

Com uma insistencia... fastidiosa, vem o sr. Cunha entoar de novo a aria dos *d d*, querendo convencer o orbe e, mais nomeadamente, os povos da Fuzeta, que depois da revisão ter *encontrado* nas provas D. Diniz, o devia deixar em briga... com a segunda dynastia. E conclue que não pode, por isso, haver erro typographico!

Magister dixit. E este sr. Cunha quando affirma, lá sabe as linhas com que se cosem os Aristoteles... da Luz.

Como nos não é licito abrir a cabeça de s. ex.ª—sem intenção criminosa, está bem de vêr—para lhe introduzir a sinceridade da nossa affirmativa, com gallecismos e tudo, por aqui nos quedâmos, sem necessidade de avançar.

De resto, o sr. Cunha é que cahiu sob a alçada da ferula—porque depois da lição que lhe demos, foi forçado a confessar que não ha incompatibilidade entre as Muzas e. . os cavallos. Provámos-lhe que D. Duarte, cultivando a *equitação*, não deixava por isso de *fazer versos*, embora não conste do *A B C* das escolas. O sr. Cunha não o sabia. Fica-o sabendo agora.

Corroborando ainda estas affinidades, lembramos lhe as relações amistosas do Pegaso com as Muzas e o sr. Cunha, apanhado em flagrante delicto de.. falta de reminiscencia, limita se a pegar na rabona de Garrett para mostrar que isso é... um mytho. Descoberta que deixa a perder de vista a obra de Colombo!

Ora o sr. Cunha ha de perdoar mas, franqueza, franqueza, os nossos affazeres não nos permittem discussões bysantinas. Se s. ex.ª tem bastante vagar, então aconselhamos-lhe a que vá até Olhão—por exemplo—e... apanhe moscas.

Santarem. *João Arruda.*

Os desatinos da vereação municipal de Faro

Continuando esta cruzada que nos proposemos conduzir ao fim, em pró da hygiene publica e da honestidade dos habitantes da cidade de Faro, proseguiremos na apreciação dos desatinos que a vereação municipal d'esta cidade, capital da provincia, está praticando, com a maior *sans façon* que toca as raias da inconsciencia. Se a camara em sua sessão tinha deliberado mandar aterrar o pavimento da rua da Trindade, deveria ter procedido de modo que o aterro; pelo menos viesse terminar em *zero* em frente do novo edificio do lyceu e entrada do jardim publico. Com isto salvaria a fachada do lyceu, não prejudicaria as caves do mesmo, e não tornaria as edificações fronteiras, pela sua apparencia actual, ainda mais acaçapadas. Que muito embora assim fosse feito o maldito aterro, não passaria d'um acto desatinado, porque calcado ou não, o aterro feito com barros, ha de sempre prejudicar em tempo chuvoso o edificio escolar que elle cerca. A' camara cumpria o dever de olhar com attenção para a commodidade e hygiene da população escolar do lyceu, que não contribue pouco para enriquecer as arcas do thesouro municipal. Mas parece, nisto como em tudo, que a camara d'este municipio não tem nos seus actos objectivo utilitario da colletividade cujos interesses lhe cumpre zelar; sómente trata de satisfazer os seus caprichos. embora sejam prejudiciaes ao bom nome da cidade. Não acreditamos que esta obra barbara fosse unicamente pelo alvedrio do empregado technico que dirige os trabalhos d'obras municipaes. Sente-se n'ella a vontade d'incompetencia manifesta da vereação que para ahi está.

Esta asserção é tanto mais verdadeira quanto é certo que ella se manifesta em outras obras da mesma camara, que attestam o pouco criterio com que teem sido feitas.

Olhemos para a vedação do jardim de que se trata, e não poderemos deixar de reconhecer a veracidade do que dizemos. N'um jardim que, se pode dizer, não envergonha a cidade, mandou a camara actual levantar um muro, que parece a vedação d'um cemiterio. Se o cofre do municipio não podia occorrer á despeza exigida pela construcção d'um muro, que sobre o seu espigão supportasse uma grade de ferro, mandava a prudencia, o criterio indispensavel em obras persistentes, que se esperasse occasião opportuna. Porem a vaidade de poder sahir da camara, dizendo-se que tal obra fora feita sob a sua direcção, não permittia a paciencia d'esperar: antes incitava a que se praticasse mais este desatino, testemunha perpetua de incapacidade edil: mas lá via o vereador do pelouro, na sua pasta o documento que legará a seus herdeiros, dos prestimosos serviços feitos á esthetica da cidade. E' mais um documento comprovativo da maneira criteriosa, como vão empregados os dinheiros dos munícipes do concelho. Continue a vereação, que parece n'isto irmanar com o governo=para a frente é o caminho — Faça requerimento franquista para exclusivamente constituir a futura commmissão municipal—o governo ha de attender, vistos os relevantes serviços que a vereação pode citar.

O visitante que se approxima do aviario existente no jardim é surprehendido pela semcerimonia e mau gosto da visinhança immediata d'um chiqueiro ou cortelho de javardo que a insensantez camararia alli mandou fazer. O mimo da pitada que o visitante recebe ao avisinhar-se deve ser contado em verso bucolico d'esta scena municipal de Faro. Qualquer vereação mediocremente intelligente mandaria fazer o cortelho do apreciado javardo, junto do muro que corre pela trazeira do matadouro e nunca junto d'um aviario, que demais precisa instantemente ser ampliado. O proprio aviario que a principio fora feito, se não com gosto e commodidade das pobres aves que alli expoem, pelo menos com largueza; hoje pelo feroz egoismo camarario, que não pode consentir que estas tenham maior liberdade que o espirito da vereação, foi dividido em pequenos compartimentos, onde os pavões soffrem a restricção municipal, aversa á liberdade, até mesmo nas gallinaceas.

Ora realmente, senhores vereadores. em que os offendia um pouco de liberdade dada ás pobres avesinhas, que v. ex.as alli teem ostentando a munificencia daquelles que as deram para o jardim? Decerto estes benemeritos que por este modo proporcionaram aos seus patricios algum recreio, não quizeram que v. ex.as fizessem tal barbaridade, impropria de pessoas compadecidas. E' immoral, meus senhores, tratar mal os animaes, não sabiam v. ex.as? Pois tenham paciencia, mandem levantar as taes divisões, que nunca ninguem viu em aviarios assim feitos. No proximo numero trataremos d'outras obras notaveis da nossa administração. Nada se perde pela demora.

GUY

LYSTER FRANCO

Procedendo approvação em concurso de provas publicas, foi nomeado professor de desenho da Escola Industrial *Pedro Nunes* em Faro este nosso dedicado amigo e illustre pintor historico.

Calorosamente o felicitamos e estamos certos de que o desempenho do seu novo cargo trará a Lyster Franco maior ensejo para evidenciar as suas brilhantes qualidades de artista.

CARTA DE FARO

A referencia feita, em noss ultima conversa semrnal, á formosissima *cantina* que, altivola, se mostra na sala de passagem e venda de bilhetes da estação do caminho de ferro d'esta cidade, deu ensejo a que um leitor de *O Heraldo* nos escrevesse uma longa carta pedindo-nos *lasuite* sobre a assumptos referentes á mesma estação da via ferrea em que publico é lesado.

Por de justiça, accedemos ao convite. Vão já transcurridos muitos annos em que, na estação ferreo viaria farense, os passageiros de todas as classes usufruiam a pequena e indispensavel regalia de lhes serem destinadas tres salas d'espera, uma para cada classe. Foram tempos!

A *prodigalidade* de então, succedeu a ridicula mesquinhez de hoje. Cerceou-se, a não mais, a pequena garantia, já citada, dos passageiros. Hoje, só uma unica sala d'espera lhes resta, a desde a abertura do troço de destino exclusivo dos viajantes de 1.ª classe.

Claro que, dando ingresso nesta que é de dimensões acanhadas, os passageiros que ella comportar pode, os restantes se quedam, ao de fôra, sob a *marquise,* açoutados pelo vento que rijo sopra. Bastas vezes isto se dá e ainda hontem, com um cantador vento de se lhe tirar o chapeu, nos vimos uma formosa o esbelta dama seriamente embaraçada para que sua vistosa *caoquette* não aballasse para as tranquillas aguas do Valle Formoso. Seria para desejar que neste ponto de que vimos tratando e que tanto interessa ao publico, se providenciasse.

Que o publico que não se furta á quota exigida, tem jus a exigir que as regalias dessa paga emanante lhe sejam facultadas.

Não lhes parece?

—O sr. José Francisco Marques, director da escola industrial *Pedro Nunes*, desta cidade, retirou na terça feira para Setubal onde, recentemente e a seu pedido, foi collocado, em identico logar na escola *Rainha D. Amelia.* Teve na *gare* uma affectuosa despedidada.

—A magdifica propriedade *O Pontal*, em Ludo, e que pertencia aos herdeiros do nosso malogrado amigo Joaquim Pantoja, foi no domingo adquirida. em hasta publica, pelo importante capitalista sr. Manoel de Jesus Belmarço, desta cidade, pela quantia de 20:000$000 réis.

DE RASPÃO

Resposta ao numero 1311 do *Heraldo*

(Conclusão)

O sr. Callixto não disse que o padre era só uma visão luminosa. Avançou mais assegurando que elle desempenhava uma missão social utilissima e que a sua influencia era tão grande que desafiava a de qualquer outra sociedade. Depois espraia-se em demonstrações tendentes a provar os beneficios que do seu poderio teem resultado ou podem resultar.

Apoz isto, é natural para se estabelecer a verdade que se pergunte o que entende o sr. Callixto por sociedade pessima. Parece-me que as maiores associações, dispondo de mais força, sobretudo da moral, são as que mais devem contribuir para o desenvolvimento duma nação. O sr. Callixto considera os padres na sociedade como o elemento de mais valor e contudo até hoje só alcançaram este resultado, tornal-a pessima. Segue-se que, postos de lado como factores do progresso visto a sua inutilidade, talvez se consiga modifica la um poucochinho para melhor. Isto comprehende se sem recorrer á dialectica. E, talvez como consequencia disto, diz-nos V. «que podemos facilmente divorciar-nos da religião». Não o contesto, apesar de Renan affirmar «que o homem desde que se distinguiu do animal, foi religioso». A religião não é pois de uma necessidade absoluta, porque, o que nos faz falta, não se pode dispensar. E esta dispensa-se. Hoje agrada-me ser religioso, sou-o. Amanhã, por birra para com os padres, repudio a. Assim a religião não se impõe. Podemos facilmente abandona-la a nosso bello prazer. Exerce um papel semilhante ao de marido e mulher.

Ha incompatibilidade entre ambos? Divorcio. Cuidado, Callixto amigo, affirmações menos perigosas fizeram torrescar, nos santissimos tempos da Inquisição, os ossos de certos impios. E depois lembre-se que no seu artigo «Raciocinando» nos disse: que consta sufficientemente a universalidade na crença de um Deus que tudo pode, tudo sabe, tudo dirige». Se isto é verdade, a religião não deve ser uma coisa de que a gente se divorcie facilmente, se não estiver compenetrado que ella é uma brincadeira, ou então que os padres é que a estragam e enxovalham.

Eu, affirmando a opposição actual da egreja com a civilisação, procedo conscientemente; e V. notando a minha descompassada asneira e esquecendo se de definir o que o papa quer dizer com a palavra civilisação asneou na verdade.

Não resta duvida que o Manual Politico se refere á questão, mas houve mais quem tratasse della. E' bem conhecida a proposição do Syllabus que reza da maneira seguinte: são anathemisados os que disserem que o pontifice romano deve reconciliar-se e pôr-se em harmonia com o progresso, com o liberalismo e com a civilisação». Diz Ramalho Ortigão nas *Farpas*: «O que é estar em harmonia com a civilisação e com o progresso? E' pôr de accordo os principios da fé com os dictames da sciencia.

Logo aquelle que disser que esse accordo é possivel está por esse facto anathemisado». E no Manual Politico, em uma das notas, lê-se que até Alexandre Herculano á vista de tanta *liberdade* se considera disilludido, accrescentando que depois do Syllabus já sabemos em que lei havemos de viver e que hoje a Companhia de Jesus é synonima de S. M. Egreja.

Pio X ainda ha pouco, numa encyclica em que combate acremente o modernismo, acaba com a ingenuidade ou mystificação de quererem alliar a theologia á sciencia.

A theologia é quem mais tem embaraçado o progresso. Por não se terem posto de accordo com ella perseguiu ou atormentou homens como Abeilard, Brescia, Huss, Gallileu, Copernico, Bruno, Luthero e tantos outros. E' deste modo edificante que todos os catholicos esclarecidos e á frente d'elles o sr. Callixto Novato affirmam que a egreja póde entrelaçar-se com a mais perfeita civilisação. Sem duvida! Só quem o contestar asneira descompassadamente. Soberbo!

Eu não defendo a superioridade do clero protestante sobre o catholico. Não combato este, para elogiar aquelle. Qualquer d'elles me é indifferente. Tentando o sr. Callixto mostrar a vantagem do catholicismo, eu citando Laveley estabeleci um parallo entre a opinião auctorisada de um professor da Universidade de Liège e a opinião mais que duvidosa de um anonymo que felismente não se mascara para achincalhar o proximo.

Não ha duvida que se engana redondamente quando pensa ter eu as honras de ser o primeiro a affirmar a superioridade do protestantismo. Ouça o que diz Heliodoro Salgado: «das nações modernas as de maior adiantamento são as que abraçaram a Reforma, ao passo que as que permaneceram fieis ao catholicismo teem na sua decadencia evidente o castigo da sua preguiça mental». E se já leu as «Mentiras Religiosas» devia ter visto que tambem ahi Laveley é citado pelo proprio Heliodoro. Se V. ainda se quizer dar ao trabalho de abrir o «Manual Politico» a pag. 398 e 399 verá quantos *estudiosos de boa fé*, sómente em Portugal, desde 1870 até hoje, teem abjurado o catholicismo e seguido a Reforma. Não conheço um, mas muitissimos. Leia e ficá-los-ha conhecendo tambem. Olhe que até se encontram padres. Se a Belgica faz excepção das outras nações latinas a razão d'esta dá-nos Montalembert quando nos diz que em toda a parte, menos na Belgica, os catholicos são inferiores aos seus adversarios; que não souberam ainda reconciliar-se com a nova sociedade, com a vida moderna dos povos.

Agora que o Callixto amigo queira mostrar que a nossa historia é a prova sufficiente do grande abatimento que produz a falta de religião, tem a sua graça. Não posso duvidar que tenha estudado historia. E o que nos mostra ella? Simplesmente que Portugal tem sido uma das nações que mais soffreram com a intolerancia religiosa.

Logo no principio da monarchia, para nos tornarmos independentes de Castella, fazemo-nos vassallos do papa. Daí até hoje temo-nos sujeitado sempre á vergonhosa escravidão, mais ou menos disfarçada. Os periodos de maior abatimento coincidem mesmo quando a influencia clerical é maior. D. João III, D. Maria I, D. João VI, provam-no evidentemente. A censura e os indeces expurgatorios no reinado do primeiro exerceram uma acção nefasta e iniciaram a era das perseguições. Damião de Goes, Antonio Vieira, Serrão de Castro, José Anastacio da Cunha, Antonio José, o Judeu, Bocage, Fylinto Elisio, Antonio da Costa e o Cavalleiro d'Oliveira ai estão a attestalo. Ninguem a serio dirá pois que é por falta de religião. num país onde todos são religiosos e teem uma santa por padroeira, que estamos em decadencia. E', ao contrario, por termos religião de mais e liberdade de menos. Hão de concordar que não é com missas, sermonarios, e outras cantilenas que esta velha barcaça se aguentará. Se não estiverem convencidos disto, peçam ao sr. Callixto que nos indique a unica maneira de religiosamente salvar a nossa heretica patria.

Contem com o meu voto. E, se o sr. Callixto e seus adherentes intendem que tenho elogiado e dito maravilhas do catholicismo, o mais logico é deixarmo-nos de questões, deem-me um apertado e amigavel abraço e confiem em mim. Que a Senhora da Agrella nos perdõe!

Luz-Tavira, 12-10-907.

Jayme Cunha.

Noticias de fazenda

Foi promovido á 2.ª classe e collocado em Olhão o escrivão de fazenda sr. José Maria Ludovice, que ha tempos estava interinamente na repartição d'aquella villa.

—Foi nomeado secretario da commissão avaliadora de predios urbanos o 1.º aspirante da repartição districtal de Faro, sr. Vivaldo.

NO ALGARVE

NOTAS DE VIAGEM

VII

SUMMARIO

Instantaneo de Olhão—Ninho de liberaes e do Patrão Joaquim Lopes—Genesis da Villa—Eterna lucta dos pescadores—Casas brancas & ruas sujas—A ascenção dos miradouros é a Delenda Carthago do indigena—Couraça... epidemica!—A «pitada especial» da Villa reinando em terra e na agua—O arrojo dos navegadores de Olhão com registo na Historia—Allude-se aos biócos e ás lendas—Um protesto a favor da Cosinha local—Migração para Tavira—A moura do Castello, filha do rei Aben-Fabilla—Suburbios pittorescos, entrando por tabella a Fuzeta—Trecho veneziano—Aquartellamento militar—Soldados que trocam as obrigações da Ordenança pelo «livro das quarenta folhas»—O centro civico de Tavira—Passeio alegre—Monumentos religiosos—Um asylo modelar de asseio—A Senhora do Carmo vigia os mealheiros da casa

Algumas horas em Olhão: o tempo preciso para ajuizar da importancia local, como centro maritimo e de commercio, que se envaidece dos seus assomos liberaes e de ter produzido um dos mais prestimosos vultos do nosso tempo —o patrão Joaquim Lopes.

A villa, que teve o seu genesis n'um aggrupamento de cabanas de pescadores, e conquistou mais tarde o titulo de Villa Nova da Restauração, rumoreja agora de actividade, na faina constante dos cahiques que povoam o porto, levando a todo o Algarve os productos agricolas e o peixe que as armações de sardinha e do atum conquistam aos dominios de Neptuno.

Transpômos a avenida que abre, do caminho de ferro á devota capella do Senhor dos Afflictos, onde algumas arvores desenvolvem lentamente a sua vegetação chlorótica e bancos municipaes de balde convidam ao descanço uma população de trabalhadores. E' certo que as casas têm bom aspecto, sempre brancas, como petalas de açucena. Nos alterosos mirantes ha um grande sabor mourisco, mas ha tambem... uma pronunciada ancia de rivalidade! As mulheres de Olhão são formosas, d'uma belleza captivante. A' falta de diversões onde pompear a sua radiosa mocidade, ellas entretêm-se na contemplação do mar, binoculando as embarcações de pesca que entram e sahem do porto. D'ahi o motivo porque em ruas tão estreitas se veem mirantes... tão altos. Quando uma familia se lembra de sobrepôr algumas fiadas de tufos no seu terraço, para maior goso panoramico, a familia do predio trazeiro, procura elevar o seu mirante para que lhe não interceptam o raio de visão. E assim, successivamente... De modo que, dentro d'alguns annos, a Torre Eiffel *baixará* de curiosidade perante os furores .. ascensionaes dos habitantes d'Olhão.

Alguem nos informa que a villa sorri desdenhosamente nas phases epidemicas, porque está sob a égide d'um *microbio* privativo, todo seu, que a preserva de contagio extranho—a falta de canalisação. Podem os forasteiros nausear, que os indigenas conservar-se-hão incolumes!

Mas o registo tragico das pestes protesta contra esta graciosidade, visto que o cholera de 35 dizimou, de assalto, quasi am quinto da populaça.

E porque não se, ao internar-se no labyrinntho urbano, o viajor tem a acompanhal-o por toda a banda—como um *bufo* vigilante—a *pitada official!* Ella dezdobra-se triumphantemente pelos charcos salitrosos do molhe, onde a casa da Alfandega ressuscita o proverbio das... «cordas da viola», bolsa desenfreada dos repositorios de sardinha e de boqueirão, ergue-se aggressivamente das valletas de todas as ruas, tripudia infrene no regueiro que, sob a fórma de collector, quasi circunda o povoado, como n'um amigavel abraço... fedorento!

No proprio porto, onde a casaria devia espelhar-se, como na transparencia do crystal, os barcos de «carrego» deslisam sobre a negri-

dão aquatica, como se fôra um enorme lago de tinta allemã... falsificada.

Pois Olhão, que teve navegadores audazes, como Garrocho e o piloto Manoel Nobre, que n'uma *casca de noz* se foram ás terras brazilicas levar ao Principe Regente D. João—bons tempos, esses!—a nova de terem sacudido a ponta-pé os bandidos de Junot, não terá alento para reclamar um systema de exgoto que ponha esta tão risonha e tão movimentada povoação ao abrigo das pestilencias?!...

Aqui está uma pergunta a que alguns habitantes d'Olhão já teem contestado, assignalando, a distantancia, novas edificações que constituem um *quartier* de protesto contra a incuria local, inteiramente divorciada do maior nucleo, onde não ha edificios publicos que se notabilisem pela sua historia ou pela sua feição artistica ou archeologica, mas onde se exhibem fachadas particuláres de boas linhas estheticas, com todo o ar de conforto e de elegancia.

De noite, as ruas de Olhão povoam se de *biócos* que, n'um recolhimento devoto, se encaminham para o Senhor dos Afflictos, a depôr aos pés do Christo amarellecido as suas offerendas de velas e de azeite, para que elle proteja, com o seu immenso poderio, os que andam sobre as aguas do mar.

Estas procissões, deslisando no silencio das ruas escassamente illuminadas, aviva-nos as lendas de mouras e encantamentos que poetisam toda esta região e encontram echo... persuasivo entre as legiões de pescadores.

O chronista tem de exarar aqui um solemnissimo protesto, perante o mundo... que viaja, contra inculcas propinadas por naturaes, de que Olhão, em materia de hoteis, está inteiramente divorciado da Culinaria. Na casa a que nos acolhemos, um rez do-chão d'apecto severo, côr d'azeitona d'Elvas no frontespicio, a hoteleira serve-nos em casa ampla, que rasga janellas para um jardim rescendente, verdadeiro antidoto a neutralisar a nausea das escorrencias publicas. N'essa briosa hospedaria provincial nos dessedentámos com o Verde de Amarante, coisa que até então não tiveramos a dita de lobrigar em hoteis algarvios que á viva-força nos ministram as ardencias do vinho regional.

E, digamol-o, para honra da hoteleira: o *menú*, sorvido em silencio, por uma especie de noviça com exercicio no côro, não «faria continencia» a qualquer refeição de restaurante alfacinha, com patricios de Campoamor a medir-nos a gorgeta pelo... lustro dos collarinhos.

Fica archivado n'estas paginas o saboroso reconhecimento do nosso paladar—á «cosinha d'Olhão».

*

Emigrêmos agora para Tavira, a cidade que os historiadores querem que fosse fundada pelo Rei Brigo, sob o baptismo de *Talabriya*, nas margens do rio Sequa. Ella nos attrahe, não para quebrar o encanto d'essa moura que na festiva noite de S. João surge a chorar suas desditas d'amor sobre as ruinas do Castello de Santa Maria, mas simplesmente como viageiros que não podem dispensar etapa n'um dos mais risonhos povoados da orla maritima do Algarve.

De Olhão a Tavira, a paisagem é deliciosa, na frescura dos seus arvoredos e na variedade das culturas, onde avulta o *motivo* dominante dos figueiraes. Alguns apeadeiros, facilitando a communicação com as vivendas ruricolas e com as aldeias que se aninham por vinhedos e pomares. Fuzeta, tão celebrisada pela excellencia dos seus vinhos, e pouco depois—Tavira.

A nossa primeira impressão na cidade é de inteiro agrado, ao percorrer a linda ponte, como um enorme hyphen a dividir os dois bairros marginaes. A' beira d'agua, n'essa ria immensa onde os areiaes da foz vão conquistando o passo ás grandes embarcações, desdobra-se o jardim publico, na garridez da floração, desenhando caprichosos arabescos em torno do corêto. Localisa-se ali um trecho de Veneza onde não faltam, n'um arremedo de gondolas, as bateiras recurvas dos pescadores.

A nossa primeira visita é para o quartel, edificação sumptuosa, que prolonga as suas casernas em torno da parada, como azas d'um insecto gigantesco.

Percorremos todas as dependencias que se mostram orgulhosamente. E' o proprio coronel—do nosso conhecimento—que se digna inteirar-nos dos beneficios que teem engrandecido o alojamento militar, dos mais completos do paiz. Ao penetrar n'um dos dormitorios, onde fiadas de camas se alinham n'uma monotonia hospitalar, alguns soldados jogavam as cartas sobre a tarimba e o proprio cabo da guarda, olvidando os deveres da ordenança, participava do passatempo, deitado de bruços sobre a enxerga. Foi um *dies iræ* a apparição do coronel. E teria sido tambem uma pagina triste na... *baixa* do cabo, se as nossas supplicas não conseguissem demover o proposito disciiplinador do commandante que—ai d'elle!—a esta hora dorme o somno dos justos sob os cyprestes do campo-santo. Este detalhe da nossa visita a Tavira não se apaga facilmente do nosso espirito, como jámais se apagará a memoria do brioso militar que tão amavelmente nos acolheu.

Estâmos na praça que recorta a sua pittoresca arcada, sob os paços do concelho: é ali o centro civico da terra, o «rendez-vous» da classe grada, o conclave politico, o commentario aos acontecimentos mundiaes, o thermometro da alegria ou da desolação nos lances da pesca.

D'ali abrem os arruamentos que são amplos, bordados de bons edificios, e para toda a parte se ramificam «mac-adams» de ligação aos grandes povoados: a Villa Real, a Beja, a Loulé, a Castro Verde, a Olhão, a Almodovar e a Faro.

A egreja matriz de Santa Maria do Castello, antiga mesquita, em parte destruida pelo terremoto, é sepultura de D. Paio Perez Correia —Jak estripador... do mourismo —. S. Thiago, tambem matriz, crê se datar do seculo XI, mas promette derruição se os poderes publicos não acudirem á sua... cachexia senil.

Não nos proporciona o horario mais detalhado exame aos edificios religiosos de Tavira que são magnificos: o da Misericordia impõe-se pela belleza dos seus azulejos; o de S. Francisco, que foi obra de D. Diniz, soffreu as inclemencias d'uma trovoada, mas não deixa por isso de merecer a visita dos forasteiros.

Uma rapida mirada ao Asylo da Infancia Desvalida—installado no antigo mosteiro de carmelitas, que é, na modestia das suas proporções, um primor de asseio e de boa ordem, com os seus terraços altaneiros a proporcionar ao viajor um golpe de vista empolgante. De caminho, a entrada obrigatoria no templo, que ainda mantém a belleza das suas pinturas e... a esmolinha bemdita n'um dos cofres do Asylo, fechado a sete chaves, mau grado a protecção da Senhora do Carmo, que sob a forma de registo impresso, espreita o orificio do mealheiro.

E' que mesmo nas coisas perfumadas de santidade póde intrometter-se algum «cultor assiduo» da *Arte*... do padre Antonio Vieira!...

João Arruda.

MUZICA NO PASSEIO

Se o tempo permittir ha hoje muzica no passeio, pela banda, da 1 ás 3 da tarde.

DESPEDIDA

Feleciana da Encarnação Castanho Ribeiro despede-se de todas as pessoas da aldeia de Odeleite, que durante o tempo que regeu a escola official d'aquella fteguezia lhe dispensaram provas de consideração e estima. A todos protesta a sua gratidão e offerece o seu insignificante prestimo em Santa Catharina da Fonte do Bispo.

NOTICIAS PESSOAES

Fazem annos:

Hoje, 3 = D. maria José d'Azevedo Coutinho, Iréne Ayalla, padre Bersardina Pessanha.

Terça, 5=Bernardino Pires Franco, Amandio Pires Franco, João Christianó d'Abreu Braziel.

Quinta, 7 = Dr. Virgilio Francisco Ramos Inglez.

Sexta, 8=B. Maria da Purificação Almodovar, D. Marianna Emilia Tavares Pires Neves.

*

Acompanhado de sua esposa, filho e sobrinha, regressou de Lisboa a esta cidade o sr. José Antonio da Silva.

*

Partiu na segunda feira para Lisboa, com demora d'alguns dias, o sr. José Antonio da Silva.

*

Retirou para Lisboa, onde vae fazer parte do quadro typographico do jearnal «A Lucta», o sr. Antonio Ondas Soares, que desde ha annos estava na composição do nosso jornal.

*

Regressou da Lisboa a Quelfes o reverendo parocho d'esta freguzia sr. Manoel José de Oliveira.

*

Por motivo de sua collocação na escola do sexo feminino de Santa Catharina da Fonte do Bispo, retirou segunda feira ultima de Odeleite, onde deixa muitas saudades a sr.ª Felicíana da Encarnação Castanho Ribeiro, que naquella aldeia exercera com muita praficiencia durante tres annos o cargo de professora official do sexo masculine.

Até mais de 2 kilometros da aldeia vieram acompanhar a distincta professora muitos dos seus antigos alumnos e as pessoas principaes da terra.

«SERÕES»

O n.º 28 d'esta magnifica revista mensal, abre com as primeiras respostas, ao interessante inquerito feito pela redacção, a homens de lettras e artistas portuguezes, sobre qual é a paisagem de Portugal que preferem.

Bastaria a collaboração para este artigo, obtida de individualidades proeminentes na arte e na litteratura, para tornar interessante o numero, se as restantes paginas não estivessem cheias de leitura attrahente e primorosamente illustradas, contendo o final do curioso estudo do Dr. Virgilio Machado, sobre os actuaes processos da arte de curar, uma monographia do sr. Mario Monteiro sobre a Fonte dos Amores, com dados e aspectos novos, um outro artigo scientifico do illustre official da armada, Ramos da Costa, sobre a hora official em Lisboa, um bello conto inglez fundado em tradições da Invencivel Armada, a continuação do primoroso trabalho do Dr. Haupt sobre a architectura portugueza, collaboração poetica de João Penha e D. Maria O'Neill, além das secções habituaes dedicadas ás creanças e á revista de actualidades.

Acrescente-se a isto o supplemento musical, os *Serões das Senhoras*, com todas as novidades em modas, lavores femininos, etc. e reconhecer-se ha que não existe em Portugal, attento o primor da impressão e das gravuras, publicação mais barata e mais interessante.

A perfeição material e os primores litterarios contrastam n'esta publicação com a modicidade do preço, 200 réis apenas, por cada numero mensal.

O HERALDO é o jornal algarvio mais barato e de maior circulação.

SPORT

GYMNASIO DE TAVIRA

A proxima epocha d'inverno, consta-nos muito particularmente que será fertil em torneios e surprezas agradaveis para os nossos gymnastas amadores.

Haverá além de *matchs athleticos*, torneios de lucta, exercicio que tem tomado ultimamente fóros de *sport* da moda enthusiasmando os amadores de Lisboa, Porto e Coimbra. Alem d'estes atractivos é certa a visita a este Gymnasio de um amador de pesos e alteres de fora da terra que dizem ser um dos campeões do Algarve.

O encontro d'este athleta, que se acha actualmente na sua melhor forma, com os nossos athletas tavirenses deve constituir um acontecimento sensacional.

A abertura da proxima epocha deve ter logar no dia 15 ou 16 do corrente mez. A direcção convidará os socios a assistirem á festa de abertura para cuja boa realisação tem empregado todos os exforços.

X.

Livro muitissimo util

O distincto contabilista e professor de commercio sr. Magalhães Peixoto acaba de dar á luz da publicidade mais um livro a que deu o titulo—*Exercicios Praticos de Escripturação Commercial*—Incluindo a exemplificação desenvolvida sobre a maneira de contabilisar as diversas constituições de capital em firmas individuaes e collectivas.

E' este o 8.º trabalho do sr. Peixoto, pois tambem está concluindo a 2.ª edição do 1.º volume das—*Lições Praticas de Calculo Commercial.*

Os livros d'este conceituado professor e publicista estão quasi todos esgotados.

A nova obra—*Exercicios Praticos de Escripturação Commercial*—está delineada de fórma a ser utilissima tanto a principiantes, como aos guarda-livros.

Um elegante volume em formato grande, nitidamente impresso em papel de 1.ª qualidade 700 réis.

A' venda em todas as livrarias.

FRANCISCO DE PAULA CARAPETO

Por despacho de 21 de outubro foi promovido á 2.ª classe e collocado em Tavira, o escrivão de fazenda d'Albufeira, sr. Francisco de Paula Carapeto.

Funccionario habil e muito considerado a sua vinda para esta cidade é para nós motivo de sincera satisfação.

"Meu filho Manoel era, quando de menos edade, muito fraco e bastante escrofuloso. Por indicação d'um medico que o examinou, tomou alguns frascos da

Emulsão de SCOTT

dando-se muito bem e melhorando a tal ponto que hoje é uma creança robusta, com boa côr de saude."

(a) Manoel Lopes Martins.

Travessa da Mangalaça, 9, Evora, 18 de Janeiro de 1907.

O medico bem sabia qual era a maravilhosa efficacia da Emulsão de SCOTT, consequencia de ser perfeitamente pura e digesta. Não ha outra emulsão que tão depressa desse saude a este pequeno, porque as outras emulsões são feitas de oleo que não é do mais fino, como succede com a de SCOTT, e não pelo mesmo processo de fabrico, que unicamente a torna perfeitamente digesta e de paladar agradavel.

"O peixeiro com o peixe,"

em cada involucro, é que vos garante a mesma emulsão que tão rapidamente restabeleceu a saude a Manoel Martins.

Exigir sempre a Emulsão com esta marca — o homem do peixe — que significa o processo SCOTT!

NOTA: Apezar do Imposto de Sello de 50 reis por cada frasco, todas as Pharmacias e Drogarias vendem a Emulsão de SCOTT aos preços antigos, a saber: 500 reis meio frasco e 900 reis frasco grande.

AMOSTRA gratuita, contra 200 reis para franquia, obtem-se dos Snrs. James Cassels & Cia., Succs., Rua do Mousinho da Silveira, 85, 1º, Porto.

Aos lavradores

As prolongadas seccas nos ultimos annos, as anormaes alterações da temperatura dos ultimos tempos e em todas as epochas e a natural falta de pastagens e alimentos verdes para todo o gado em bastantes mezes do anno—são inconvenientes tão apoquentadores dos creadores, que apontar-lhes um remedio é prestar-lhes um bom serviço.

Ora já não ha duvida de que a ensilagem supre vantajosamente aquellas faltas—de que não fica mais cara do que os alimentos secos—de que se conserva de modo e por forma que está sempre prompta para a alimentação e, finalmente—de que está ao alcance de todos—senão em grande escala, em modesta experiencia pelo menos.

Os silos tanto podem ser pequenas barricas, como altas torres e de todos os materiaes de construcção: de tijolo, de alvenaria, de madeira, de adnella, de cimento armado, de madeirra e papel, emfim, até se podem aproveitar pipas ou tuneis velhos, pias de pedra, tanques e pombaes velhos.

Para os encher e armazenar assim o necessario para uma boa parte da alimentação do seu gado, o lavrador aproveita o que nas epochas de fartura lhe não serve para nada—até cardos bravos.

Como se faz e de que se pode fazer o silo, como se enche e como se aproveita a silagem—aprende-se na leitura de duas horas d'um livro que com o titulo *Ensilagem* se publicou ha pouco, traduzido de uma publicação americana. Não ha necessidade de engenheiro, mestre d'obras ou outro director—é lêr e mandar executar.

Parece bem certo que entre nós acontecerá com o silo e que aconteceu na America: foi adoptado sem a menor contestação.

CARREIRAS A VAPOR NO GUADIANA

Horario de partidas no mez de novembro

Dias	Horas	De Mertola	Dias	Horas	De Villa Real
4	2,04	da tarde	5	10,04	da manhã
6	3,32	» manhã	7	11,12	« »
8	4,44	» »	9	12,28	» tarde
11	7,10	» »	12	3,18	» »
13	9,06	» »	14	5,26	» manhã
15	11,58	» »	16	7,48	» »
18	2,10	» tarde	19	10,16	» »
20	3,14	» manhã	21	11,32	» »
22	4,08	» »	23	12,20	» tarde
25	6,06	» »	26	2,16	» »
27	7,52	» »	28	4,	» manhã
29	10,11	» »	30	6,08	» »

MERCADO DE GENEROS

Preço dos generos abaixo designados durante a semana finda

Amendoa coca...	2$000	15	kilos
» dura...	1$200	15	»
Alfarroba.....	850	60	»
Arroz.....	1$800	15	»
Figo.....	1$200	30	»
Batata.....	500	15	kilos
Centeio.....	600	14	litros
Cevada.....	480	»	»
Chícharos.....	700	18	»
Favas.....	700	»	»
Feijão branco....	1$300	»	»
» raiado....	1$600	»	»
Grão.....	1$200	»	»
Milho de regadio.	680	»	»
Milho de sequeiro.	660	»	»
Trigo broeiro....	700	14	»
Trigo rijo.....	760	»	»
Sal.....	60	»	»
Azeite.....	1$400	10	litros
Aguardente.....	1$800	»	»
Vinagre.....	300	»	»
Vinho.....	700	»	»

LEGISLAÇÃO

N'um pequeno livro de formato portatil acaba a conhecida Bibliotheca Popular de Legislação de publicar os seguintes decretos: Despejo de predios rusticos e urbanos (dec. de 30 8 1907); Contribuições em divida (dec. de 30 8 1907); Caixa de aposentações para as classes operarias e trabalhadoras (dec. de 29-8 1907); Administração de Fasenda da Casa Real (dec. de 30-8-1907).

O preço do livro é de 200 réis e pode ser requisitado a séde da Bibliotheca, rua de S. Mamede, 111 (ao largo doeCaldas), Lisboa.

162 VENDIDOS EM 1906

PÁRA-RAIOS

Flammarion, de ferro oco galvanisado ponta simples de platina iridium, cabos e chapas de descarga de cobre puro, SEM MAIS DESPEZA, posto no seu logar

45$000 réis

Flanklin, ferro oco galvanisado, ponta multipla de platina-iridium, cabos e chapas de cobre de descarga, tudo cobre puro, O MELHOR QUE SE FAZ, posto no seu logar, SEM MAIS DESPEPA

50$000 réis

Modelo da Commissão Municipal de Paris, de ferro oco galvanisado, ponta «Pouillet» cabo de ferro, ligações e chapas de descarga de cobre puro, posto no seu logar SEM MAIS DESPESA

30$000 réis

Montagens de telephones, campainhas electricas e pára-raios **absolutamente garantidos**.

C. MIRAMON & C.ª

PRAÇA D. PEDRO, 46, 47, 48—LISBOA

a sa fundada em 1845

Muito cuidado com as imitações de casas pouco sérias 86

OURIVESARIA E RELOJOARIA LOPES

4 e 6, rua Tenente Valadim, 6 e 6 A

FARO

N'este estabelecimento encontra se sempre um grande e variado sortimento das ultimas novidades nacionaes e estrageiras em objectos de ouro e prata do mais fino gosto; sendo tudo vendido por preços sem competencia.

Especialidade em CORDÕES DE OURO de fabrico esmerado e baratissimos; e objectos proprios para brindes.

Relogios de todas as qualidades em ouro, prata, e aço, tanto para homem, como para senhora; despertadores de differentes feitios, etc.

Artigos em Prata, como centros para mezas, com crystaes; assucareiros, salvas, tinteiros, palmatorias, paliteiros, talheres, castões, colheres, e muitos outros, que é difficil enumerar.

Recebem se encommendas e concertos, que são executados com a maxima perfeição e economia.

SEMPRE NOVIDADES

POTES

Vendem se dez, proprios para azeite, na rua Direita n.º 94. 157

HORTA DE SANTO ANTONIO

Arrenda-se esta horta, situada na Atalaya Grande, suburbios de Tavira. Quem pretender dirija-se até ao fim de outubro, ao Dr. Castanho, actualmente residindo na mesma horta. 152

CASA

Vende-se uma na rua da Asseca com saida para a baixa mar. Trata-se com João Bernardo, abagão que mora na mesma casa. 155

MODESTO & FIGUEIREDO

Grande deposito de adubos chimicos

Avenida Hintze Ribeiro, n.º 2—FARO

Fornecem-se adubos chimicos, simples ou preparados para todos os terrenos e em harmonia com a amostras de terra.

Direcção do agronomo Alexandre de Figueiredo e Mello.

Descontos aos revendedores. (108)

ARRENDAMENTO

Arrendam-se duas propriedades: Uma no sitio da Foupâua, freguezia de Moncarapacho, concelho de Olhão, que consta de terras de semear e mattosa, alfarrobeiras, oliveiras, figueiras e amendoeiras, casas de moradia, palheiro e pocilgo.

Outra, no sitio do Paço das Figueiras, freguezia de Moncarapacho, concelho de Olhão, denominada *Desembargador*, que consta de terras de semear, alfarrobeiras, oliveiras, figueiras, amendoeiras, vinha, casas de moradia, palheiro e pocilgo.

Quem pretender dirija-se a João Antonio Gomes, Rua de Mar. Fôro n'esta cidade. 148

Arrenda-se

A propriedade denominada a *Arremada* na freguezia da Conceição de Tavira. Trata-se com Luiz Parreira. 150

HENRIQUE BORGES

CIRURGIÃO DENTISTA
pela Universidade de Coimbra

Doenças da bocca e dos dentes. Dentes artificiaes.

Consultas gratis aos pobres ás 9 a manhã.

Rua 1.º de Dezembro, 20
42 FARO

LECCIONA-SE

Promptifica-se a leccionar o 1.º, 2.º e 3.º annos dos Lyceus recebendo para isso qualquer correspondencia em sua casa, Avenida d'accesso á estação do caminho de ferro, o padre Victor Manuel Rodrigues. 105

PROPRIEDADE

Arrenda-se no sitio de Santa Margarida. Trata-se com Antonio Xavier da Trindade, Tavira. 153

Officina de canteiro e esculptura

DE

JOSÉ MARIA PAULINO FERNANDES

Encarrega-se de todo o trabalho pertencente á sua industria;

jazigos, campas, ornamentos, espelhos, banheiras, bancadas, marmores para moveis, etc.

LARGO DO CARMO
(5872) **Faro**

ADALBERTO VEIGA

O INGLEZ TAL QUAL SE FALLA

Novissima guia de conversação com a pronuncia figurada. Preço, 300 rs. Livraria Classica Editora, Praça dos Restauradores, 20, LISBOA.

ADUBO CHIMICO

Já chegou a primeira remessa da acreditada marca coroa Rio Tinto.

a MATHIAS PERES ROJO & IRMÃO
TAVIRA 128

1.º ANNUNCIO

NO juizo de direito da comarca de Tavira, no cartorio do 1.º officio e no processo requerido pelo digno Agente do Ministerio Publico n'esta comarca, como representante da Fazenda Nacional, para arrecadação da herança de João José d'Oliveira, viuvo, de setenta e um annos de edade, natural da freguezia do Pereiro, concelho d'Alcoutim, professor official d'ensino primario apozentado, da freguezia de Santo Estevão, d'esta comarca, filho de paes incognitos, o qual residiu no sitio da Egreja d'esta mesma freguezia, onde falleceu no dia 10 de setembro ultimo,—correm editos de trinta dias, a contar da publicação do segundo e ultimo annuncio no *Diario do Governo*, citando todos os herdeiros incertos do mesmo que se julguem com direito á herança jacente, para deduzirem a sua habilitação na segunda audiencia d'este juizo presterior ao praso dos editos sob pena de ser a mesma herança declarada vaga para o Estado. As audiencias n'este juizo fazem se em todas as segundas e quintas feiras de cada semana, não sendo dias feriados ou santificados, porque n'este ultimo caso se fazem nos dias immediatos, pelas dez horas da manhã no Tribunal Judicial d'esta cidade.

Tavira, 26 d'outubro de 1907.

Verifiquei—*J. Sereno.*

O escrivão,

160 *José Joaquim Parreira Faria.*

1.º ANNUNCIO

NO dia 17 do proximo mez de novembro, por 11 horas da manhã, á porta dos Paços do Concelho, na praça da Constituição d'esta cidade, se hão de arrematar em hasta publica a quem maior lanço offerecer acima dos seus respectivos valores, ficando a contribuição de registo por inteiro á custa do arrematante, os bens seguintes:—Primeiro—O dominio directo com o foro annual de 10$000 réis, imposto em um predio rustico no sitio do Brejo, freguezia da Luz, d'esta comarca, de que é senhorio util e emphyteuta Francisco Rodrigues Corvo, d'esta cidade; vae á praça no valor de 107$500 réis.—Segundo—O dominio directo com o foro annual de 10$000 réis, imposto em um predio rustico no dito sitio do Brejo, freguezia da Luz de que é senhorio util e emphyteuta Joaquim Pereira Palermo, do indicado sitio e freguezia; vae á praça no valor de 105$000 réis. Estes bens pertencem á herança deixada por D. Ludovina Emerenciana Furtado Pacheco, que residiu n'esta cidade, são os que não tiveram lançador nas praças constantes dos editaes affixados com datas de 19 de agosto e 6 de setembro do corrente anno e voltam novamente á praça com o abatimento de 50%.

Pelo presente são citados quaesquer credores incertos nos termos do n.º 1 do art.º 844 do Codigo do Processo Civil.

Tavira, 29 de outubro de 1907.

Verifiquei—*J. Sereno.*

O escrivão.

162 *Estevão José de Sousa Reis.*

CASAS

Alugam se ou vendem-se umas, situadas na Rua das Olarias, (frente ao hospital militar).

Quem pretender dirija se ao Vasco Braz de Campos, Largo da Porta do Postigo. Tavira. 161

PAPELARIA

Pacotes com 4 folhas e 4 envelóppes, 20 réis.

Pacotes com 5 folhas e 5 envelóppes, papel superior qualidade, 30 réis.

Pacotes com 20 cadernos, 100 folhas, 100 réis.

Pacotes com 20 cadernos, 100 folhas, papel superior qualidade, 300 réis.

Papel almasso, pautado e liso em diversos formatos e qualidade.

JOSÉ MARIA DOS SANTOS

TAVIRA

BARRIS

Vende-se na praça de Tavira barris desde cinco litros a cem, por metade do preço, no dia 27 de outubro. 159

FAZENDAS PARA FATO

F. A. GOMES

20—RUA NOVA GRANDE—20

TAVIRA

GRANDE sortimento de fazendas para todas as estações, bonitos cortes de calças e colletes de phantasia, gabões d'Aveiro e capas.

PREÇOS BARATISSIMOS (3)

GRANDE LOTERIA DO NATAL

Extracção a 21 de Dezembro de 1907

Consta de seis mil oitocentos bilhetes e distribue a importantissima somma em premios de trezentos e oitenta contos de réis!

O cambista TESTA satisfaz na volta do correio todos os pedidos para esta Grande Loteria quando estes venham acompanhados da respectiva importancia em: sêllos ou vales do correio, lettras ou ordens s/Lisboa ou qualquer praça do paiz ou ainda do estrangeiro.

Todos os premios vendidos no cambista TESTA são pagos á vista sem desconto algum.

Como abaixo se vê, no plano apresentado esto anno ha uma innovação apreciavel. Todas as dezenas, isto é, todos os dez numeros seguidos teem um premio certo, garantido, que é a terminação da sorte grande.

PLANO

1	premio de.....	200:000$000
1	» »	40:000$000
1	» »	10:000$000
2	» »	2:000$000
2	» »	1:000$000
10	» »	400$000
20	» »	300$000
288	» »	160$000
2	approximações ao premio maior a..	1:000$000
2	ditas ao segundo premio a.....	450$000
2	ditas ao terceiro premio a.....	318$000
679	premios a todos os numeros que terminarem na mesma unidade do premio maior a..	96$000
1:010		

PREÇOS

Bilhetes, 80$0000 réis; meios bilhetes, 40$000; quartos, 20$000; decimos, 8$000; vigessimos, 4$000; fracções de 2$600, 2$100, 1$600, 1$100, 550, 330, 220, 110 e 60.

Dezenas: dez numeros seguidos de 5$400, 3$300, 2$200, 1$100 e 600 réis.

Para a provincia e ultramar accresce a despeza do correio.

Dirigir todos os pedidos ao

CAMBISTA—JOSÉ RODRIGUES TESTA

74, R. do Arsenal, 78

136, R. dos Capellistas, 140

LISBOA 125

FORO

Vende-se um de 7$500 réis annuaes, imposto n'um predio na rua de Mau-foro, que foi do fallecido conego Coelho. Trata se com Manoel Francisco Prudencio da Costa, de Castro Marim. 149

J. F. ARCHANJO

Cereaes, farinhas, semeas, sabão, grão e Arroz

Compram-se borras d'azeite

58 a 64—R. Conselheiro Bivar, 58 a 64

52 FARO

CASA

Vende-se barato umas casas altas, na Borda d'Agua d'Asseca, com varios compartimentos e os baixos correspondentes aos altos, quintal, poço, cavallariça e varandas, sem fôro ou pensão.

Trata-se com João Jacintho das Dores, Tavira. 159

EDITAL

João Possidonio Guerreiro. Commendador da Ordem Militar de Nossa Senhora da Conceição e Presidente da Camara Municipal do Concelho de Tavira:

FAZ PUBLICO:

QUE até ás doze horas da manhã do dia 31 do corrente mez de outubro, em todos os dias uteis das 10 horas da manhã, ás 3 da tarde, se recebem na secretaria d'esta camara propostas em carta fechada para a arrematação dos seguintes impostos municipaes a cobrar durante o proximo anno de 1908:

	Baze para as propostas
Taxas do 1.º ramo	1:250$000
» » 5.º, 6.º e 12.º ramos.....	100$000
Taxas do 10.º ramos	40$000

E para constar se passou o presente e outros de egual theor que vão ser affixados nos logares do costume.

Secretaria da Camara Municipal de Tavira, 19 de outubro de 1907.

O Presidente,

158 *João Possidonio Guerreiro.*

CASAS

Vende-se um predio de dois andares situado na rua das Portas de S. Braz, pertencente aos herdeiros de Santiago Perez Ponce.

Quem pretender dirija-se a Eduardo Aurelio Parreira Faria, em Tavira. 110

VENDE-SE

Uma morada de casas altas na rua do Mau-Foro, de recente construcção, com varios compartimentos, quintal, varanda e poço.

Quem pretender dirija-se ao soilicitado Eduardo Parreira. 151

VENDE-SE OU ARRENDA-SE

Uma courella no sitio das Pedras de El Rei, que consta de terra de semear, amendoeiras, figueiras e uma oliveira, tendo direito a um dia por semana d'agua para rega. Trata-se com José Augusto da Conceição Mattos. 154

ALMANACH DEMOCRATICO

PARA 1908

A 120 RÉIS

VENDE

JOSÉ MARIA DOS SANTOS

TAVIRA